

Abrir as janelas do conhecimento: a “história do primeiro dia” na Pedagogia Waldorf

Renan Bastos de Olivas Ferreira Santos*

*Especialista em Ensino Fundamental Waldorf e professor auxiliar na Escola Waldorf São Paulo. E-mail: renan@waldorf.com.br.

Resumo

As crianças são despertadas para as narrativas desde cedo, já que as histórias chegam até elas em vários momentos de interação social. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental Waldorf, as imagens surgem por meio de narrativas, antes de se apresentarem prontas em uma lousa ou em uma ilustração. Na Pedagogia Waldorf, as narrativas são vistas, muitas vezes, como possibilidades de situar o ser humano em seu meio cultural, trazendo um conteúdo que não é explícito, uma realidade ainda moderada que cria um novo sentido às coisas. O presente estudo propõe-se, por meio de uma abordagem qualitativa e como estudo de caso, a analisar o ato de criar e contar a narrativa do primeiro dia de aula do 1º ano de uma instituição de ensino ligada à Pedagogia Waldorf. A história do primeiro dia, que é contada pelo professor de classe e acompanhará a turma durante os oito anos do Ensino Fundamental, é frequentemente uma narrativa com elementos arquetípicos, que tem por intuito expressar essa ligação que está se iniciando. Faz uso de muitas imagens e objetiva vincular a criança pelo sentir, mobilizar para o fazer e despertar a vontade de participar do que está sendo proposto. Visa, também, vislumbrar a trajetória biográfica de uma classe. Para isso, pretende-se analisar o processo de criação dessa narrativa, a experiência do professor, o significado dessa história para o caminho que percorrerão juntos e sua possível importância para a formação do grupo.

Palavras-chave: narrativa; primeiro ano; imagem; Pedagogia Waldorf.

Abstract

Children are awakened to narratives from an early age, as the stories reach them in various moments of social interaction. In the early years of Waldorf Elementary School, images appear through narratives, before being presented ready-made on a blackboard or in an illustration. In Waldorf pedagogy narratives are often seen as a possibility to situate the human being in its cultural environment, introducing non-explicit content, a reality still moderate that creates a new sense of things. The present study proposes, through a qualitative approach and as a case study, to analyse the act of creating and telling the narrative from the first day of school of a 1st year class of an educational institution committed to Waldorf Pedagogy. The story of the first day, which is told by the class teacher and will accompany the class through the eight years of Elementary School, is frequently a narrative with archetypal elements, which aims to express this connection that is beginning. The narrative makes use of many images and aims to connect the child through the heart, as well as to mobilize them to take action and awaken the desire to participate in what is being proposed. It also aims to envision the biographical trajectory of the group. For this, it is intended the analysis of the creation process of the narrative, the teacher's experience, the meaning of this story for the path they will course together and its possible importance for the formation of the group.

Keywords: narrative; first year; image Waldorf Pedagogy

Introdução

Ainda que se trate de manifestações concebidas por meios particulares entre si e com finalidades distintas, historicamente, literatura e escola comungam de um importante papel: a capacidade formativa do sujeito. De acordo com Paulo Freire (2004, p. 31), “formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”.

Podemos, do mesmo modo, considerar a literatura, levando em conta suas diversas manifestações, como um objeto de estudo capaz de transformar a realidade ao tratar dos pontos de contato com os quais o educando lida cotidianamente, seja por meio de recursos poéticos e formais – responsáveis por consolidar a comunicação humana –, seja por meio dos gêneros textuais.

No emblemático ensaio “O direito à literatura”, de Antonio Candido, o professor e crítico pondera sobre a necessidade de expandir o acesso às manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas como forma de humanizar o indivíduo:

[...] ela (a literatura) é fator indispensável para humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar (CANDIDO, 2004, p. 177).

Com o desenvolvimento da Pedagogia durante o século XX, que contou com avanços no debate sobre educação e, principalmente, com estudos recentes nos campos da Psicologia e do desenvolvimento da aprendizagem, a literatura foi inserida nos currículos escolares com fins distintos. Hoje, entende-se a literatura na escola como uma forma de proporcionar a reflexão crítica sobre questões históricas, sociais e filosóficas – questões sobretudo intrinsecamente humanas, que possibilitam o desenvolvimento de uma subjetividade necessária para compreensão e contemplação do mundo que nos cerca.

Paulo Freire, ao abordar a prática educativa, aponta como uma das tarefas mais importantes propiciar condições em que o educando possa assumir-se como “ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (2004, p. 47). De acordo com Candido (2004), a literatura, em paralelo, trata de níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e que podem ser conscientemente assimilados pelo leitor com capacidade reflexiva, para que possa identificar-se com a obra literária.

Assim como a prática educativa, a literatura é uma ferramenta para que o educando, durante esse processo de identificação com a narrativa ou com as construções estéticas de uma obra, por exemplo, possa assumir-se como sujeito. De acordo com Regina Zilberman, cabe ao educador, então,

[...] o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado (ZILBERMAN, 2003, p. 28).

Em paralelo com a pedagogia, a literatura aparece, portanto, como um importante meio de compreensão do mundo e da própria existência, uma vez que possibilita a ordenação das vivências que a criança já teve e a experimentação das possibilidades de vivência que a criança virá a ter. O acesso à literatura na infância – em conjunto com outras artes e meios que trabalham o desenvolvimento da subjetividade – torna-se fundamental para que o indivíduo ganhe repertório em seu universo simbólico. Os conhecimentos intencionais que as obras literárias voltadas às crianças se propõem a construir são, desse modo, meios de acesso e compreensão de diversos bens materiais e simbólicos, sejam eles institucionais/educativos, informativos ou artísticos.

Ressalta-se, aqui, a compreensão de literatura tal como assinalada por Antonio Candido, abarcando possibilidades do texto oral, não apenas o escrito.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2004, p. 174-5).

A Pedagogia Waldorf, fundada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner (1861-1925) em 1919, está comprometida a proporcionar à infância a vivência do lúdico, da imaginação, do brincar livre, da conexão com a natureza e do afeto. Dessa maneira, contar histórias é uma arte e uma ferramenta poderosa para a educação de base antropológica.¹ Respeitando o uso de narrativas adequadas para cada faixa etária e para as distintas etapas do desenvolvimento infantil, o ato de educar com histórias – pelo uso das narrativas tradicionais, os contos de fadas, lendas, mitos e fábulas – nos aproxima de uma linguagem mais lúdica, que é natural para as crianças. Nesse sentido, as histórias se configuram como um importante meio de ensino para os educadores, pois lidam com a linguagem das imagens, tão próxima do universo infantil. Steiner acrescenta:

Na antroposofia, percebemos que algo pode ser expresso de maneira infinitamente mais rica quando, ao invés de trazê-lo na forma de um conceito abstrato, o dotamos de imagem. Uma criança saudável necessita transformar coisas em imagens e também receber imagens. [...] A criança deseja a imagem, quer sentir-se como imagem. Então é mesmo necessário levar em conta que o professor precisa de fantasia, que deve ser artístico (STEINER, 2005, p.32).

As histórias estão presentes em quase todas as disciplinas na Pedagogia Waldorf. O professor cria narrativas para apresentar letras e números, para o ensino de línguas, para introduzir os trabalhos manuais ou mesmo conteúdos de matemática, gramática ou geografia. A

¹ Desenvolvida por Rudolf Steiner, a Antroposofia consiste na perspectiva filosófica e de visão do ser humano cujos princípios alicerçam a Pedagogia Waldorf.

educação não se dá apenas por intermédio de conceitos e informações, mas também por meio de imagens que precedem os conceitos. É pelas imagens – capazes de nos ativar internamente e proporcionar uma aprendizagem viva – que as crianças assimilam o mundo.

Na Pedagogia Waldorf, cada grupo que ingressa no 1º ano tem um professor de classe que o acompanhará durante os oito anos do Ensino Fundamental (em algumas escolas, esse período de tempo pode ser menor), sendo uma figura central no caminho formativo. É o professor de classe que ministra todas as matérias principais na primeira aula do dia, a chamada aula de época ou aula principal. Cada época dura de três a quatro semanas e tem por objetivo o aprofundamento de um tema junto aos alunos.

A relação entre o professor de classe e seus alunos se inicia na “Cerimônia do Portal” (este, muitas vezes, simbolizado por um arco de flores), que acontece no primeiro dia de aula do 1º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de um rito de passagem que representa o início dessa nova fase escolar, em que crianças e famílias participam de um momento primoroso e muito delicado, quando os estudantes são chamados pelo nome, um a um, e atravessam o arco de flores ao encontro de seu professor. Após a cerimônia, ao lado do professor, as crianças conhecem a sala a ser compartilhada por eles durante aquele ano letivo.

De acordo com Steiner (2016), o professor deve estar ciente da importância da primeira aula escolar de cada ano, uma vez que, nesse momento, pode emanar algo mais importante do que das outras aulas. Porém, todas devem ser aproveitadas para tornar frutífero o que pode decorrer da primeira. Nesse momento inicial, é recomendado que o professor destaque a importância de as crianças estarem ali, trazendo à consciência de que elas ingressaram na escola. Nas palavras de Steiner:

Será de extraordinária importância os senhores dizerem algo assim: [...] “Hoje vocês não têm ideia alguma de tudo o que aprenderão na escola, mas terão de aprender muita coisa. Por que terão de aprender muita coisa na escola? Ora, vocês conhecem muito bem os adultos, essa gente grande, e terão visto que eles são capazes de fazer algumas

coisas que vocês não sabem. E é para um dia também poderem fazer o que os adultos fazem que vocês estão aqui” (STEINER, 2016, p. 54).

Após esse momento inicial, o professor conta a história do primeiro dia, objeto de análise deste estudo. Trata-se, muitas vezes, de uma narrativa com elementos arquetípicos cujo propósito é simbolizar a ligação entre educador e educando que está se iniciando naquele momento. A história do primeiro dia faz uso de muitas imagens e objetiva vincular a criança pelo coração, mobilizá-la para o fazer e despertar a vontade de participar do que está sendo proposto.

Com seu desejo de ser, as pessoas estabelecem comunicação entre si por meio da linguagem, com seus símbolos e signos. Numa sociedade com seus valores intrínsecos, o ser humano é capaz de manifestar desejos, ideias e sonhos. Se, no processo de alfabetização numa escola Waldorf, o professor parte de uma imagem que aparece dentro de uma história para chegar a uma letra, é possível, também, que uma história expresse a intensidade do elo que está se formando nesse primeiro dia? Qual o impacto dessa narrativa na trajetória biográfica de uma classe? Essas são algumas das perguntas que impulsionaram este trabalho investigativo.

Steiner não se deteve em registrar considerações específicas sobre a história do primeiro dia. Inclusive, há pouco material sobre o assunto, o que impulsionou a realização desta pesquisa qualitativa com entrevistas com professores de classe. O que podemos agregar à importância da elaboração dessa narrativa e de seu conteúdo são as considerações do filósofo sobre a valia de satisfazer a necessidade das crianças por imagens, sobre o equilíbrio entre as forças da memória e da fantasia e sobre a importância da formação do grupo no 1º ano escolar.

1. O autor: impulsos e processos

Em um Ensino Fundamental Waldorf, especialmente no 1º, 2º e 3º ano, existem muitas narrativas criadas pelo próprio professor. Neste momento, pretendemos olhar para o professor autor e contador de histórias em sua tarefa no primeiro dia: a experiência, as inspirações e a

arte narrativa. Para tal análise, foram realizadas entrevistas com duas professoras de classe. As professoras convidadas a participar deste estudo são atuantes em diferentes escolas ligadas à Pedagogia Waldorf, localizadas na cidade de São Paulo – SP. Em tempo, a identidade das entrevistadas será preservada e elas serão aqui referidas como Professora 1 e Professora 2.

Na Pedagogia Waldorf, a construção de narrativas para apresentar alguns temas aos alunos é, também, uma atividade docente. Um exemplo marcante dessa ação é o processo de alfabetização: as letras primeiro ocupam a fantasia em forma de imagens. Conforme Carlgrén (2014), o caminho do mundo das coisas para o dos símbolos abstratos deve passar pelo processo que se desenvolveu nas antigas civilizações: passar da escrita por imagens para a escrita com símbolos. Ensinar a partir da imagem e do sentir, não somente a partir do intelecto.

Para Andruetto (2012), as narrativas de ficção reúnem quem fala e quem escuta em um lugar comum, e podem ser construções de mundos de “outro tempo” e de “outro espaço”, “nesse tempo e nesse espaço” em que vivemos.

A ferramenta essencial do professor de classe, nesse caso, é ele próprio: como ser humano em desenvolvimento, o professor atua por meio do seu ser sobre as crianças, que também estão em desenvolvimento. É um caminho de aprendizagem em comum que precisa ser estruturado pelo adulto para incentivar as crianças ao trabalho autônomo.

A narrativa do primeiro dia pode liberar a artesanania das palavras e criar, assim, imagens de algo que não existia para se ligar ao mundo real. A criação nasce do particular, com o foco no pequeno que pode alcançar o mundo, e se condensar em imagens que reverberam mensagens sobre a condição humana.

Entretanto, o professor autor que olha para sua experiência e propõe criar, a partir do pessoal e do subjetivo, uma experiência imaginativa pode encontrar aí uma boa fonte de inspiração. O educador tem a possibilidade de descobrir suas próprias imagens subjetivamente e as transformar em palavras, o que podemos perceber por meio depoimento de nossa entrevistada, quando questionada sobre o processo criativo e os seus impulsos internos e externos:

Na história de apresentação das letras, com a Paula e o Beбето², eu trouxe o meu mundo para as crianças, as minhas vivências. Você tem que trazer veracidade para as crianças, elas percebem se é verdadeiro ou não. Você não pode criar uma coisa e não se identificar com aquilo, não vai surtir efeito para as crianças. O Gimli³, na história do primeiro dia, precisava fazer sentido para mim para que fizesse sentido para eles – se eu acreditava no Gimli, as crianças também acreditavam. (Professora 2, relato verbal).

Dessa maneira, podemos considerar que a elaboração do professor torna o conteúdo vivo, a partir do momento em que ele busca a narrativa em si próprio, em suas vivências pessoais, em seus medos, em suas peraltagens e assim por diante, pois o que é real tem vida. Cada um que receber essa narrativa se apropriará dela. Essa experiência também é relatada pela outra entrevistada.

A história me veio inteira na cabeça, uma ideia completa. Porém, um ponto importante é preencher a vida de experiências. Sempre que você pesquisa algo com profundidade você consegue transformar em imagem. Não surge do nada, você tem uma busca que te leva a pesquisar e se interessar por aquilo. E, de repente, aparece. Acho que isso é fundamental quando você vai escrever a respeito de tudo – todas as suas experiências e principalmente, no meu caso, a natureza. Natureza de qualquer tipo: flora ou fauna. Os animais trazem para a gente histórias lindas, principalmente as histórias pedagógicas. Estar sempre atento ao seu redor traz um colorido especial para que você, em algum momento, transponha tudo para a escrita. (Professora 1, relato verbal).

É possível reconhecer, nesse depoimento da Professora 1, uma aptidão para sacralizar os elementos no ato de criar uma narrativa, trazendo um novo sentido, dando um novo significado às coisas, aos

² Personagens criadas pela autora.

³ Personagem criado pela autora.

objetos. Além disso, percebemos a necessidade de rememorar sua própria natureza, caminhar e contemplá-la em uma constante busca pela inspiração. Entretanto, devemos destacar o fato de que não temos de encarar esse processo de maneira angustiante, entendendo ser necessária a criação de obras-primas poéticas. As narrativas podem ser muito simples. Sobre isso, Steiner (2005) acrescenta: o que tem um grande efeito nas crianças é o esforço e o trabalho interior do professor ao se dedicar à tarefa de construção da narrativa.

2. A obra: abrir as janelas do conhecimento

A narrativa do primeiro dia é uma história arquetípica, que vincula os professores a seus alunos. Manifesta que, a partir daquele momento, de alguma maneira, o caminho do professor e o caminho das crianças estão se entrelaçando. Pode ser vista como uma passagem, um rito, uma transformação. Construída a partir do sentimento do professor para seus alunos, trata-se de uma história que vislumbrará a trajetória biográfica de sua classe.

Na psicologia analítica, desenvolvida por Carl Jung, o conceito de arquétipo refere-se às imagens primitivas que se manifestam como estruturas psíquicas quase universais (uma espécie de inconsciente coletivo, em linhas gerais), desde os primórdios do ser humano, e se expressam por meio de uma linguagem simbólica. Segundo Gil (2007), a história do desenvolvimento infantil está povoada de símbolos. Os primeiros signos produzidos pela humanidade são igualmente repetidos pela criança ao emitir sons primordiais, traçar rabiscos e começar a expressar uma linguagem.

Desde os tempos mais remotos, a sabedoria popular era transmitida oralmente, por meio de histórias que continham muitas imagens. Dentre essas histórias estão os contos de fadas, autênticos contos da sabedoria popular e cuja origem não é possível precisar. Segundo o psicólogo austríaco Bruno Bettelheim (1980), o conto de fadas tem um efeito terapêutico, uma vez que a criança encontra uma resposta às suas dúvidas por meio da contemplação do que a história parece causar sobre seus conflitos pessoais nesse momento da vida.

Para Steiner (2014), os contos de fadas são narrativas portadoras da história espiritual da humanidade – heranças de nossos antepassados que estiveram presentes na tradição oral dos povos e carregam em si grandes conhecimentos sobre a vida, a natureza e a morte. Essas histórias são repletas de imagens primordiais.

Na Pedagogia Waldorf, os contos de fadas aparecem no Jardim de Infância e durante o primeiro ano, quando um bom tempo é dedicado à narrativa dessas histórias. A pedagogia antroposófica vê nessas histórias um importante meio de educação disponível para os professores. Os contos de fadas são indicados no currículo do 1º ano do Ensino Fundamental, pois fornecem o alimento anímico a essa etapa de desenvolvimento das crianças. As histórias atuam sobre o Sentir⁴ e têm grande importância tanto para a formação ética e moral dos indivíduos, como para o desenvolvimento da linguagem e da imaginação.

A história do primeiro dia traz em si muitas qualidades dos contos de fadas, como, por exemplo, a possibilidade de despertar nas crianças a virtude da coragem para vencer seus medos, uma vez que o que se inicia naquele primeiro dia é algo novo e intenso – um desejo de abrir as janelas do conhecimento e superar a ignorância. Como colocado por Steiner (2016, p. 55), “é para um dia também poderem fazer o que os adultos fazem que vocês (as crianças) estão aqui (na escola)”.

Segundo Menéres (2013), os contos de fadas – e me permito incluir aqui as histórias do primeiro dia – podem despertar na criança a virtude de aceitar as pequenas decepções que encontra em seu dia a dia, pois, de maneira semelhante ao que acontece nessas narrativas, o seu esforço individual para ser melhor há de ser recompensado. Nas palavras da autora: “No seu íntimo, ela entende muito bem que as histórias maravilhosas são irreais – mas não as aceita como falsas, na medida em que descrevem, de modo imaginário e simbólico, os passos

⁴ A Pedagogia Waldorf favorece ao ser humano um desenvolvimento que contempla o Pensar – para que o indivíduo construa um pensamento claro –; o Sentir – possibilitando um sentimento que estabeleça relações saudáveis – e o Querer – para que consiga agir e atuar sobre o mundo. Essas capacidades se desenvolvem e se relacionam de formas diferentes em cada período da vida.

do seu crescimento” (MENÉRES, 2013, p. 2). Ainda, ambas as narrativas trazem um conteúdo que não é explícito, uma realidade ainda moderada.

Como apontado anteriormente, os contos de fadas e a história do primeiro dia se relacionam de diferentes maneiras, inclusive por sua estrutura, que começa com a apresentação dos personagens e um convite para adentrar um lugar sem lugar, um tempo sem tempo.

É possível destacar ainda a narrativa em diálogo com a palavra-imagem, já que a história do primeiro dia pode se transformar em um desenho de lousa. Steiner, muitas vezes, destaca a importância de imbuir elementos artísticos e beleza em cada lição. As histórias e os desenhos que as acompanham se instalam profundamente nos alunos. Para alguns, trata-se de outra maneira de aprender, além do raciocínio lógico e de palavras. O giz e a lousa podem ser boas ferramentas para levar à vida sentimental das crianças os conteúdos curriculares, criando-se uma aula pictórica.

As educadoras entrevistadas para esta pesquisa apontam que o desenho de lousa é muito importante para preencher com beleza estética o conteúdo das narrativas, em especial a narrativa do primeiro dia.

Um recurso muito importante, junto com a história do primeiro dia, é o desenho de lousa. É fundamental que você tenha um desenho de lousa que condiga com a história e no qual as crianças consigam se enxergar. Então fiz o desenho de uma floresta, um rio, um barqueiro e as crianças brincando comigo no jardim do castelo. Conforme as professoras de matéria entravam na grade dos alunos (porque elas entram aos pouquinhos), apareciam no desenho e eu não falava nada. Eles começaram a perceber que o desenho ia crescendo, porque ficou o ano todo na lousa.⁵ (Professora 2, relato verbal)

⁵ O desenho permaneceu o ano todo à vista dos alunos, ocupando uma parcela da lousa de modo que a professora pudesse utilizar o espaço restante dessa ferramenta pedagógica de acordo com suas necessidades.

Como relatado pela entrevistada, os alunos muitas vezes não podem deixar de olhar para a lousa, procurando se há algo novo no desenho – isso devido à escolha de deixar o desenho que ilustrou a história do primeiro dia durante todo o ano à vista.

A narrativa aqui em questão apresenta algumas singularidades que a difere de outras histórias contadas às crianças. Andruetto (2012) afirma que os autores devem trazer nos seus escritos as vozes das crianças e o universo cotidiano, podendo, também, tratar intencionalmente das desordens que estas enfrentam diariamente. Às nossas entrevistadas, foi perguntado o que, na opinião delas, não deve faltar nessa narrativa que inaugura essa longa jornada.

A história precisa ter a figura de um adulto, esse ser que traz a sabedoria, a quem eles irão seguir e por quem serão guiados. A criança nunca pode estar só nessa jornada porque ela ainda não tem a capacidade de se imaginar só – isso pode trazer medo. [A narrativa] precisa também de crianças, que chamam muito a atenção dos alunos, e uma situação amorosa. É interessante colocar os temperamentos de alguma maneira, seja através de cores, através de pedras ou flores diferentes. A gente está reunindo temperamentos diferentes e, assim, eles se sentem todos representados, formando um único grupo com qualidades tão diferentes e tão importantes. [É necessário] também, ter sempre algo que leve as crianças a perceberem que estão passando de uma fase para outra, como o desafio de atravessar um rio; esse momento em que deixam algo e seguem – e aonde vão é muito interessante, é onde se abre todo um mundo especial. O adulto traz proteção, conhecimento e aventuras – tem que ter aventura, pois as crianças adoram. A conquista da aventura é uma festa no coração das crianças. São tantas possibilidades... (Professora 1, relato verbal).

A história precisa de um elemento mágico e da vontade de a personagem encontrar as crianças. Ela deve olhar para as crianças e perceber que algumas

delas já têm um brilho no olhar, que seguirão juntas. No jardim há muitas crianças, mas não são todas que estão prontas. A criança do primeiro ano é diferente das demais – o olhar e o brilho dela mudam. Ela está pronta para o primeiro ano. Você consegue enxergar essa maturidade, não é? Isso precisa estar claro ali [na narrativa]. Acho interessante também haver um perigo para que enfrentem com a ajuda da professora e sintam-se confiantes. E quando a personagem embarcar ou chegar a algum lugar – no meu caso, foi a um castelo –, você tem que pintar esse lugar como algo incrível. Quanto mais adjetivos, melhor; um reino de sabedoria, com salas mágicas e todos esses baús com muitos tesouros que você vai desvendar junto com as crianças. Eu incluí também as professoras de matéria – elas estão ali como fadas que guardam os oito baús [em referência aos oito anos do Ensino Fundamental]. (Professora 2, relato verbal).

2. A recepção: trajetória biográfica de uma classe

Segundo Cajaiba (2014), não é possível abordar uma apreciação artística sem levar em conta a recepção, o olhar de quem está observando e escutando. Na década de 1970, o pesquisador alemão Hans Robert Jauss se ocupou do tema ao formular a Estética da Recepção, que aborda a perspectiva do receptor no campo da literatura. Para o teórico alemão, o resultado de uma obra estaria sendo produzido por quem a aprecia, e não por quem a produziu. Jauss (apud ZILBERMAN, 2008), considera que, entre a obra e o leitor, estabelece-se uma relação. O leitor interage com a obra a partir de suas próprias vivências anteriores, isto é, ele carrega consigo uma bagagem cultural de que não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma criação literária particular.

Deste modo, olhando para nosso objeto de estudo – a história do primeiro dia – e levando em conta as reflexões da autora sobre a teoria da recepção, em que “nenhum leitor fica imune às obras que consome” (ZILBERMAN, 2008, p. 93), podemos considerar que temos,

na arte de narrar, uma forma de compartilhar a complexidade humana, aprender por meio da arte e produzir imagens. Mas pode a história do primeiro dia contribuir no processo de dar forma ao desenvolvimento da aprendizagem?

A narrativa sobre a qual nos debruçamos aqui tem, como vimos, um valor para o autor, mas ela é recriada no âmbito da recepção, nesse momento anímico do segundo setênio⁶, em que o aluno pode trazê-la para a “interpretação”. O texto, narrado ou lido, não é fechado; ele apresenta lacunas preenchidas pelo leitor/ouvinte. Nesse sentido, as crianças assumem o papel de coautoras do texto, e é na recepção da história que ele ganha vida. Uma situação envolvendo a recepção é compartilhada por nossa entrevistada:

Uma coisa muito interessante é que eu tenho várias crianças que cavalgam de verdade, algumas completamente apaixonadas por cavalos. Já vieram assim, não é que minha história os tenha tocado dessa maneira. Acontece que, por essa paixão que elas já traziam, porque desde muito pequenas tinham esse contato, a história os tocou de outro modo muito especial, porque, para eles, aqueles cavalos da história os faziam indagar: “Como assim? Ela está contando uma história de algo pelo que eu sou apaixonado!” [em referência à sua história do primeiro dia]. (Professora 1, relato verbal).

O trecho acima é um exemplo de como a narrativa pode vincular as crianças pelo sentimento, ainda que de forma ocasional, e ser o início de uma relação de apoio e afeto entre estudantes e professor.

Um dos principais objetivos do 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola Waldorf é a conquista de bons hábitos (levantar a mão, esperar sua vez, ter a percepção do outro etc.) e a formação do grupo. A formação e solidificação do grupo se faz muito importante, uma vez que, a partir desse momento, um conjunto de crianças – e consequentemente de suas famílias – permanecerão juntas ao longo de todo o Ensino Fundamental. Ao lado delas, estará seu professor de

⁶ Período do desenvolvimento humano que se estende dos sete aos catorze anos.

classe, adulto que assume a referência para a criança na escola. A vivência comum, as tarefas e o esforço coletivo, desde o 1º até o último ano, podem construir profundas relações entre todos os membros dessa comunidade. Uma das hipóteses, no início desta pesquisa, foi analisar a relação da formação do grupo com a história do primeiro dia.

A história tem uma importância na formação do grupo, pois permanece [com os estudantes] e reverbera no coração deles durante um tempo, não é? O fato de o desenho [de lousa] estar ali o tempo todo é um lembrete disso. Nesse desenho, as crianças estavam todas brincando juntas; não há uma criança sozinha, elas estão interagindo. E a professora estar lá, observando, pode ser muito significativo. A história é um elemento simbólico tão forte que você pode usá-la depois, em momentos específicos, como aconteceu agora que a classe fez uma passagem [mudança de professor de classe no Ensino Fundamental II] – eu resgatei a história, porque ela traz confiança para as crianças. (Professora 2, relato verbal)

As narrativas podem agir nos alunos de forma a propiciar novas situações sociais, novos encontros baseados na simpatia das crianças. “A imagem aponta para algo futuro que, por sua vez, atinge o presente” (STEINMANN, 2006, p. 5).

Considerações finais

Podemos afirmar que, entre os autores apresentados nesta monografia, há uma consonância de que a narração de histórias na infância é uma importante ferramenta para a educação escolar e fortalece o elo entre alunos e professores, podendo enriquecer todo o processo de aprendizagem. Considerando a importância atribuída por Steiner às artes em geral e, principalmente, às narrativas geradoras de imagens para a formação da criança, este estudo se dedicou a analisar a história do primeiro dia.

A história do primeiro dia consiste em uma narrativa arquetípica, e mostra que está se iniciando um processo de ligação entre professor e

alunos. Pode ser vista como uma passagem, uma transformação, e faz uso de linguagem simbólica. Os símbolos ficam guardados na nossa memória afetiva e nos permitem reter a certeza do pertencimento. Dessa maneira, é possível ao professor facilitar a comunicação com as crianças, trazendo clareza por meio de uma apresentação lúdica e ajudando as crianças a se prepararem, de maneira gradual, para o universo adulto.

Ademais, na Pedagogia Waldorf, a presença da arte como mediadora do processo pedagógico e do professor de classe como figura central resultam no caminho da imagem para a palavra. Ensinar a partir da imagem e do sentir, e não somente do intelecto, consiste em uma importante ferramenta para os processos de aprendizagem e transposição didática.

A partir deste estudo, notamos as profundas aproximações entre os contos de fadas e as histórias do primeiro dia. Além de sua estrutura e ambientação, assemelham-se pela possibilidade de despertar nos alunos virtudes e sentimentos que os mobilize internamente, que os fortifique e os prepare para lidar com problemas existenciais. Ambos tocam diretamente nos sentimentos, com uma realidade ainda moderada e conteúdos implícitos. Há que destacar, ainda, a presença dos arquétipos nos contos de fadas, que se relacionam com o momento vivido pelas crianças de sete anos e com recomendações curriculares. Finalmente, destacamos as aproximações quanto ao modo de narrar: sem oscilações na voz e com as repetições características dessas histórias.

Finalmente, cabe considerar o elemento artístico e as narrativas como um caminho possível para a vida sentimental da criança. Se o professor permeia de belas imagens sua prática pedagógica, sejam elas vistas ou ouvidas, as crianças mobilizam-se para o fazer e podem despertar em si a vontade de participar do que está sendo proposto, visto que as atividades artísticas são essenciais para a formação equilibrada do ser humano.

Referências

ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. *Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CAJAIBA, Claudio; REZENDE, Marcelo. (Orgs.). *Escrítica: o lugar e o papel do pensamento crítico agora*. Salvador: EGBA, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-91.

CARLGREN, F. *Educação para a liberdade: a pedagogia de Rudolf Steiner*. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GIL, V. D. A Ponte Invisível: o arquétipo da transcendência em narrativas infantis sobre contos de fadas. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

JUNG, Carl. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

STEINER, Rudolf. *A Arte de Educação – II: metodologia e didática*. São Paulo: Antroposófica, 2016.

_____. *A Arte de Educar baseada na compreensão do ser humano*. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf do Brasil, 2005.

_____. *A Metodologia do Ensino e as condições de vida do educador*. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf do Brasil, 2014.

_____. *Os contos de fadas: sua poesia e sua interpretação*. 3.ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2014.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

_____. Recepção e leitura no horizonte da literatura. *Alea*, v.10, n. 1. p. 85-97, 2008.